



University of
Texas Libraries



e-revist@s



Centro Unversitário Santo Agostinho

revistafsa

www4.fsnet.com.br/revista

Rev. FSA, Teresina, v. 19, n. 4, art. 1, p. 3-23, abri. 2022

ISSN Impresso: 1806-6356 ISSN Eletrônico: 2317-2983

<http://dx.doi.org/10.12819/2022.19.4.1>

DOAJ DIRECTORY OF
OPEN ACCESS
JOURNALS

WZB
Wissenschaftszentrum Berlin
für Sozialforschung



MIAR



Inserções de Paulo Freire em Estudos de Gestão em uma Perspectiva Decolonial

Inserts by Paulo Freire in Management Studies from a Decolonial Perspective

Rita de Cassia Ribeiro Coelho

Doutoranda em Administração pela Universidade do Grande Rio

Mestre em Administração pela Universidade do Grande Rio

Discente do Programa de Pós-Graduação em Administração (PPGA) (UNIGRANRIO)

E-mail: ritacribeiroc@gmail.com

Josir Simeone Gomes

Doutor em Administração pela Universidade Federal do Rio de Janeiro

Pós-Doutorado pela Universidade Carlos III de Madrid

Professor Adjunto do Programa de Mestrado e Doutorado da (UNIGRANRIO)

E-mail: josirgomes@gmail.com

Endereço: Rita de Cassia Ribeiro Coelho

Rua Professor José de Souza Herdy, 1160. Jardim Vinte e Cinco de Agosto, Duque de Caxias - RJ, CEP 25071-202., Brasil.

Endereço: Josir Simeone Gomes

Rua Professor José de Souza Herdy, 1160. Jardim Vinte e Cinco de Agosto, Duque de Caxias - RJ, CEP 25071-202., Brasil.

Editor-Chefe: Dr. Tonny Kerley de Alencar Rodrigues

Artigo recebido em 18/11/2021. Última versão recebida em 01/12/2021. Aprovado em 02/12/2021.

Avaliado pelo sistema Triple Review: a) Desk Review pelo Editor-Chefe; e b) Double Blind Review (avaliação cega por dois avaliadores da área).

Revisão: Gramatical, Normativa e de Formatação



RESUMO

O presente artigo examina o diálogo estabelecido entre apontamentos de Paulo Freire e estudos da área de gestão à luz de uma perspectiva decolonial. Com o objetivo de analisar a abordagem de Paulo Freire em publicações no campo da Administração, em uma perspectiva sinalizada pelos estudos decoloniais, realizou-se um estudo de natureza qualitativa e caráter exploratório, procedendo à revisão de literatura como pesquisa. Nos quatro artigos tomados como amostra, sobressaíram-se discussões sobre a necessidade de apropriação dialógica da realidade como via de superação da acomodação; auto-organização e cooperação. Conclui-se que ambas perspectivas epistemológicas imbricam-se na denúncia das facetas da opressão e subalternidade e no anúncio de narrativas identitárias, de recuperação de histórias locais e transposição de suas contradições num processo de promoção de emancipação social e justiça cognitiva.

Palavras-chave: Paulo Freire. Decolonialidade. Estudos Decoloniais. Estudos de Gestão.

ABSTRACT

This article examines the dialogue established between Paulo Freire's notes and management studies from a decolonial perspective. The objective is to analyze Paulo Freire's approach in publications in the field of Administration in a perspective signaled by decolonial studies. A qualitative and exploratory study with a literature review was carried out. In the four articles taken as a sample, was found discussions about the need for dialogical appropriation of reality as a way to overcome accommodation; self-organization and cooperation. It is concluded that both epistemological perspectives overlap in denouncing the facets of oppression and subalternity and in the announcement of identity narratives, recovery of local histories and transposition of its contradictions in a process of promoting social emancipation and cognitive justice.

Keywords: Paulo Freire. Decoloniality. Decolonial Studies. Management Studies.

1 INTRODUÇÃO

Na década de 1960, Paulo Freire concretizou uma marcante experiência educacional brasileira: alfabetizou cerca de trezentas pessoas em quarenta e cinco dias no Nordeste, chamando a atenção do propósito nacional-desenvolvimentista da política populista da época. Assim, o governo de João Goulart lançou o Programa Nacional de Alfabetização e criou, para coordená-lo, a Comissão de Cultura Popular conferindo a presidência desta a Paulo Freire (MORAES; MISOCZKY, 2012).

Entretanto, o método Paulo Freire tinha como ponto de partida a tematização das negatividades concretas do contexto local para a detecção e questionamento das contradições e conflitos da estrutura social, visando ao planejamento de conteúdos viabilizadores de ampliação da consciência e superação das condições de opressão; o que o levou a ser acusado de subversão, em 1964, pelo governo militar (GOUVÊA DA SILVA, 2004).

A proposta governamental de “educação popular” forjada por uma elite urbana industrial como preparação de uma coletividade para consecução de fins dominantes e controle social (BEISIEGEL, 2008) se viu confrontada pela metodologia problematizadora de Paulo Freire que, pautada em significados das falas de trabalhadores, se constituía em esteio de mobilização e organização popular (COSTA, 2016). “Punha-se, desde já, um problema crucial na fase atual do processo brasileiro. O de conseguir o desenvolvimento econômico (...) E de coincidir o desenvolvimento com um projeto autônomo da nação brasileira (FREIRE, 2011b, pp. 86-87).

Tendo o governo ditador negado espaço no Brasil ao seu pensamento e expressão e lhe impondo o exílio, Paulo Freire, vivenciando sua própria incursão subjetiva e carregando sua bagagem pedagógica, produziu o livro *Pedagogia do Oprimido*, sua obra de maior repercussão, com a primeira edição datada de 1970 e traduzida para mais de trinta idiomas (LIMA, 2011).

Paulo Freire se destacou como um dos maiores educadores brasileiros do século passado, desenvolvendo entendimentos e princípios que extrapolam o cenário escolar (BEHÁR; FERREIRA, 2014; COSTA, 2016). Sua proposta que oportuniza ao sujeito cognoscente a possibilidade de gradual desconstrução e transformação das estruturas sociais condicionadas pelo contexto sócio-histórico sobre o qual foram erigidas fornece um estimulante arcabouço teórico para se revisitar os processos materiais e epistêmicos que conduzem os status e sentidos conferidos à existência humana.

O presente artigo, que examina o diálogo estabelecido entre apontamentos freireanos e estudos da área de gestão, o faz à luz de uma perspectiva decolonial pelo entendimento que o “enquadramento teórico e filosófico centrado na relação entre conscientização e libertação (...) a fim de potencializar as aspirações dos oprimidos” (FREIRE, 1987, p.93) e oferecer-lhes “instrumentos com que resistissem aos poderes do ‘desenraizamento’ de que a civilização industrial a que filiamos está amplamente armada” Freire (1975, p. 89) aproxima-se do pensamento decolonial que intenta transpor concepções e configurações cristalizadas de mundo ao articular vozes até então silenciadas na construção de um campo novo que privilegie elementos epistêmicos subalternizados por relações coloniais.

Penna (2014) e Lima e Pernambuco (2018), além de outros autores abordados no referencial teórico, compreendem que a reflexão crítica de temas opressores ofuscados pela ideologia dominante e a educação como prática para a liberdade propostas por Paulo Freire (2011c) encontram confluências com a agenda programática do movimento decolonial.

Assim, propõe-se como objetivo geral analisar a abordagem de Paulo Freire em publicações no campo da Administração em uma perspectiva sinalizada pelos estudos decoloniais. Para tanto, em linhas específicas, estabelecem-se os seguintes objetivos: relacionar a proposta crítico-problematizadora-transformadora de Paulo Freire com o campo dos estudos decoloniais; identificar publicações do campo da Administração dos últimos 3 anos que abordam o postulado de Paulo Freire; e discutir as propostas freireanas no campo da gestão que se evidenciam nas publicações analisadas.

As lentes empregadas no referencial teórico explorarão as aproximações entre as proposições de Paulo Freire e o movimento decolonial. A seguir, o estudo, de natureza qualitativa e caráter exploratório, prosseguirá à revisão de literatura desenvolvida como pesquisa. Nos quatro artigos tomados como amostra, sobressaíram-se discussões, de bases freireanas, sobre a necessidade de apropriação da realidade como meio de superação da acomodação; auto-organização e cooperação como forma de alcance de aprendizagem, práxis-emancipadora e transformação social; concepções acerca de educação bancária; contribuições de práticas dialógicas; e a influência da racionalidade substantiva em mudanças sociais; nuances estas pormenorizadas na análise dos dados. Em desfecho, as considerações finais resgatam e sintetizam o convite subjacente aos debates elencados no corpo do trabalho a se repensar, num movimento de práxis, contextos, sentidos e possibilidades de narrativas e práticas historicizantes.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Um olhar sobre a proposta crítico-problematizadora-transformadora de Paulo Freire por uma perspectiva decolonial

O pensamento decolonial é um dos temas da atualidade que muito tem contribuído com a formação crítica acadêmica (GOHN, 2011; DIAS; ALVES; AMARAL, 2019; OLIVEIRA, 2019). Antes de adentrar em sua abordagem epistêmica, a fim de aclarar seu entendimento, é válido retomar o entendimento acerca de uma precedente estrutura de relações: o colonialismo e a colonialidade.

Quijano (2005) e Pinto e Mignolo (2015) explicam que o colonialismo expressa a condição de um território sob o poder político e econômico de outra nação. A abrangência do termo limita-se a um período histórico determinado, o que definiria seu desaparecimento à medida que ocorresse a independência da colônia. Em decorrência, a colonialidade refere-se ao vínculo persistente entre o passado e o presente, manifestado através de um sistema ideológico de poder e dominação epistemológica que conduziu à supressão de formas de saber e expressão de grupos colonizados. Pinto e Mignolo (2015) ressaltam, ainda, que modernidade, civilização, desenvolvimento, democracia, direitos humanos e cidadania são realidades discursivas e narrativas articuladas a partir de experiências históricas e locais dos povos europeus.

Nesse contexto, a decolonialidade carrega uma inquietude que se expressa pela intenção de ruptura com saberes e discursos eurocentrados (REIS; ANDRADE, 2018) abrindo espaços de apreciação para alteridades invisibilizadas pelas relações coloniais (BELLO, 2015). A busca é por “dar voz e vez aos conhecimentos e saberes dos povos colonizados, é conhecer a mesma história, agora pela visão dos subalternos” (MIGNOLO, 2010, p.125).

Assim, a reflexão decolonial examina a manutenção da colonialidade na contemporaneidade nas esferas políticas, econômicas, sociais e culturais e suas manifestações em condutas excludentes (SANTOS, 2018); constitui-se numa luta contínua cuja finalidade, indica Walsh (2017), não é desfazer ou reverter o colonial; é provocar um posicionamento de transgressão e insurgência. O movimento “não é estático, nem unilateral, tampouco dogmático ou extremista. Trata-se de enxergar e pensar pluriversalmente” (DIAS; ALVES; AMARAL, 2019, p. 115).

A crítica decolonial denuncia um processo histórico marcado pelo concerto desarmônico de agentes através de arranjos, discursos, práticas e organizações que levam à

internalização e naturalização de facetas do eurocentrismo (BALLESTRIN, 2017), que imputem a introjeção do opressor, a desvalia e o fatalismo alongado em docilidade (PENNA, 2014). Em consonância, Paulo Freire (2011c) observa que essa imersão de consciências é consequência do que ele define como mitologia da estrutura opressora.

Em *Pedagogia do Oprimido*, Freire (2011c) explica que os mitos são transmitidos às classes oprimidas por meio da chamada “educação bancária”: os temas são depositados como verdades inquestionáveis numa presunção de ignorância de quem os recebe. O autor discorre sobre alguns mitos que fortalecem a estrutura dominante:

O mito, por exemplo, de que a ordem opressora é uma ordem de liberdade. De que todos são livres para trabalhar onde queiram. (...) O mito de que todos, bastando não ser preguiçosos, podem chegar a ser empresários – mais ainda, o mito de que o homem que vende, pelas ruas, (...) é um empresário tal qual o dono de uma grande fábrica. (...) O mito do heroísmo das classes opressoras, (...) de sua caridade, de sua generosidade, quando o que fazem, enquanto classe, é assistencialismo, que se desdobra no mito da falsa ajuda (...) O mito de que as elites dominadoras, ‘no reconhecimento de seus deveres’, são as promotoras do povo, devendo este, num gesto de gratidão, aceitar a sua palavra e conformar-se com ela (Freire, 2011c, p.159-160).

Em uma proposta crítico-problematizadora-transformadora, Paulo Freire (2011c) propõe a objetivação e a desconstrução do mito da estrutura opressora, assinalando como fundamental a reconquista do direito de enunciação e de pronúncia do mundo para que cesse o processo de desumanização. A possibilidade de problematizar o mundo através da práxis — a prática desenvolvida e refletida — suscita potencialidades para intervenção na realidade.

Pronunciar criticamente a realidade e transformá-la requer o posicionamento dialético de leitura de mundo não linearizada: trata-se de analisar os “ditos” e “contra-ditos” da história, identificando elementos necessários para a contestação de posturas e explicações (FREIRE, 1980), as quais, aqui entende-se, são naturalizadas como absolutas pela colonialidade.

“Neste sentido, o conhecimento apresenta-se como elemento-chave na disputa e na superação da hegemonia” (NOGUERA, 2014). Esse artifício perpassa, necessariamente, pelo diálogo “no sentido da ação-reflexão-ação combinada à denúncia de práticas desumanizadoras (...) e, ao mesmo tempo, conectada ao anúncio de novas ações condutoras para condições de humanização das pessoas e de seus universos de vida” (LIMA; PERNAMBUCO, 2018).

A crítica envolvida tanto nas construções decoloniais quanto freireanas ressalta a necessidade de tradução de narrativas e normativas para novos cenários, cujos agentes,

portadores de outros repertórios, virão ressignificar seus conteúdos. (MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2014) e passarão a também localizar-se no escopo da estrutura social, deixando de ser ajustados passivamente a ela. (PENNA, 2014), Assim,

A percepção ingênua ou mágica da realidade da qual resultava a postura fatalista cede seu lugar a uma percepção que é capaz de perceber-se. E porque é capaz de perceber-se enquanto percebe a realidade que lhe parecia em si inexorável, é capaz de objetivá-la. (...) O fatalismo cede, então, seu lugar ao ímpeto de transformação e busca, de que os homens se sentem sujeitos” (Freire, 2011c, p.85)

Os meios e vias para tanto, bem como para a superação do projeto eurocêntrico em seu processo assimétrico de produção e distribuição do conhecimento, trazem à tona os princípios de consciência crítica; história, memória e vivências; autonomia e liberdade; imbuídos na Pedagogia do Oprimido.

Cabe aqui ressaltar a consideração que, ao denunciar os pilares da educação bancária, Paulo Freire não tachou apenas uma ação vertical, instrumental e descontextualizada restrita aos ambientes escolares mas, sobretudo, uma estrutura social de opressão causadora, na opinião de Santos (2008) e Spivak (2010), de violência epistêmica contra grupos historicamente excluídos. As falácias de universalização da cidadania corroboram, em essência, para a manutenção — e para o não questionamento — de interesses de frações de classe e do status quo da sociedade.

Sumariando as aproximações teóricas aqui elaboradas, Mignolo (2004) aponta que a proposta de Paulo Freire (2011c) de superação de uma educação bancária, conferindo importância às experiências e conhecimentos produzidos no espaço dos educandos como forma de dar-lhes o direito de pronúncia da realidade, vai ao encontro da proposta de descolonização epistêmica que pressupõe o deslocamento do lugar de fala para o âmbito de grupos subalternizados pela hierarquização de detentores de poder e, conseqüentemente, de saberes.

Penna (2014) complementa essa análise destacando, como convergências entre o pensamento de Freire e o movimento decolonial, a denúncia à trajetória histórica das práticas de opressão e exclusão; o questionamento a metodologias e aportes teóricos empregados como meio de perpetuar formas de poder; e a luta pelo resgate da alteridade.

Já Mota Neto (2016) enfatiza que o diálogo, em Paulo Freire (2011c), representa o recurso pelo qual quem é impedido de falar possa se fazer ouvir e ser visto, rompendo as barreiras do silêncio a que se é submetido e, por esse motivo, as práticas dialógicas possuem dimensões decoloniais.

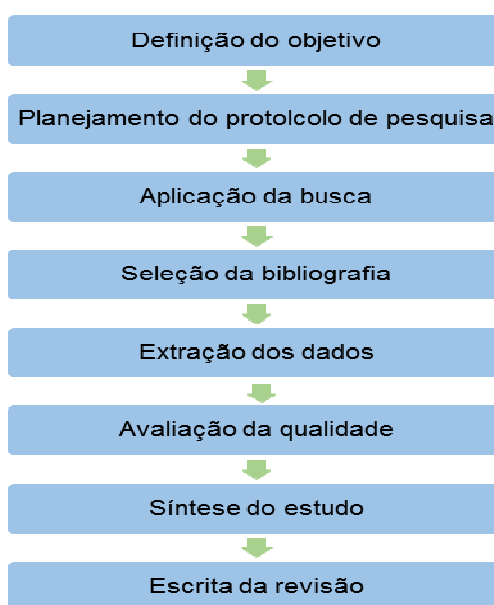
De fato, a Pedagogia do Oprimido de Paulo Freire provoca uma inflexão em teorias, metodologias e práticas que circulam não só pelo campo pedagógico, mas pelos diversos vieses da existência e atividade humana por oferecer bases para uma formação insubmissa a quaisquer formas de dominação, de opressão e de subalternidade. Ao apontar o caminho para o resgate de identidades e reescrita de narrativas, sobressaem-se seus matizes decoloniais, ampliando as possibilidades de favorecimento à liberdade, dignidade humana e justiça social.

3 METODOLOGIA

A pesquisa, de natureza qualitativa e caráter exploratório pelo seu intuito de alcançar maior familiaridade com o tema proposto pelo aprimoramento de ideias (GIL, 2010), empregou o procedimento de revisão de literatura que “é um método sistemático, explícito, e reprodutível para “identificar, avaliar e sintetizar o corpo existente de trabalhos completos e registrados produzidos por pesquisadores, estudiosos e profissionais” (Fink, 2005, p. 3) numa “interpretação reflexiva de estudos pertinentes a uma questão específica” (Rousseau; Manning; Denyer, 2008, p. 7).

Okoli (2019) define etapas essenciais para que a revisão seja considerada cientificamente rigorosa, as quais foram observadas neste trabalho e estão sintetizadas a seguir.

Figura: esquema sintético do método de revisão de literatura



Fonte: elaborado pela autora, fundamentado em Okoli (2019)

Assim, definido o objetivo de analisar a abordagem de Paulo Freire em publicações no campo da Administração, procedeu-se à execução da pesquisa.

A base de dados explorada foi a *Scientific Periodicals Electronic Library* (SPELL), uma ferramenta que reúne a produção científica disponibilizada eletronicamente por periódicos nacionais das áreas de Administração Pública e de Empresas, Contabilidade e Turismo e está vinculada à Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração (ANPAD) e ao Instituto Brasileiro de Estudos e Pesquisas Sociais (IBEPES).

O protocolo de pesquisa consistiu na busca por publicações que continham o nome de Paulo Freire em seu título. Com o intuito de restringir a busca a produções brasileiras atuais e específicas da área da Administração, aplicaram-se ainda os seguintes filtros de seleção: artigos em língua portuguesa publicados no campo de Administração entre janeiro de 2017 e junho de 2020.

As próximas seções descrevem o material obtido e apresentam sua síntese, revisão e análise.

4 RESULTADOS E DISCUSSÕES

A amostra extraída da busca executada na base SPELL é composta pelos seguintes estudos: Moraes e Misoczky (2018); Carmo, Gomes Junior, Gomes e Assis (2018); Andrade, Alcântara e Pereira (2019); Moraes (2019) cujos principais descritores estão reunidos no quadro a seguir. Observa-se que todos foram veiculados em periódicos de boas classificações pelos parâmetros Qualis Capes.

Quadro: Publicações coletadas

Autores	Título	Objetivo	Periódico	Ano de publicação	Classificação do periódico
Moraes e Misoczky (2018)	Práticas organizacionais do Movimiento de Trabajadores Desocupados de La Matanza à luz do Pensamento de Paulo Freire	Analisar, sob a perspectiva do pensamento freireano, as práticas organizacionais de um movimento social da América Latina	Revista Pensamento Contemporâneo em Administração (RPCA)	2018	B2
Carmo, Gomes Junior, Gomes e Assis (2018)	Paulo Freire, ergologia e os discursos do empreendedorismo	Estabelecer diálogos entre os conceitos abordados por Paulo Freire na Pedagogia do Oprimido e a ergologia, tomando como objeto de análise crítica os	Revista Pensamento Contemporâneo em Administração (RPCA)	2018	B2

		discursos sobre o empreendedorismo			
Andrade, Alcântara e Pereira (2019)	Comunicação que constitui e transforma os sujeitos: agir comunicativo em Jürgen Habermas, ação dialógica em Paulo Freire e os estudos organizacionais	Apresentar contribuições de Jürgen Habermas e Paulo Freire para a constituição de sujeitos crítico-reflexivos e suas implicações nos processos de ensino/pesquisa/extensão no campo dos Estudos Organizacionais	Cadernos EBAPE.BR	2019	A2
Moraes (2019)	Responsabilidade social corporativa: reflexões sob a égide do pensamento de Paulo Freire	Discutir a abordagem dominante da responsabilidade social corporativa sob a égide do pensamento de Paulo Freire	Revista de Gestão Social e Ambiental	2019	B1

Fonte: elaborado pela autora

A seguir, na revisão sistemática propriamente constituída, será analisada como se dá a inserção teórica de Paulo Freire nas publicações destacadas, através da discussão do realce conferido a vertentes do seu postulado nas produções acadêmicas em questão.

4.1 Moraes e Misoczky (2018): Práticas organizacionais do Movimento de Trabajadores Desocupados de La Matanza à luz do Pensamento de Paulo Freire

A abordagem central do artigo de Moraes e Misoczky (2018) é a análise de um movimento popular em sua faceta de “organização como meio e aprendizagem para a práxis emancipadora” (MORAES; MISOCZKY, 2018, p. 2). O caso em estudo, o Movimento de Trabajadores Desocupados de La Matanza, articulado no mais populoso distrito de Buenos Aires em prol de empregos e salários assolados pela privatização das principais empresas estatais da Argentina na década de 90, caracterizou-se por uma trajetória de “ações coletivas que produziram mudanças nas relações sociais dos setores populares, introduziram novos significados aos seus vínculos políticos e reposicionaram aspectos instrumentais da ação social” (DELAMATA, 2004, p. 8). O rechaço aos planos sociais oferecidos pelo governo com o desenvolvimento de um Centro Comunitário voltado para a subsistência do movimento e a aproximação com grupos acadêmicos em universidades culminou na elaboração de um plano de ação cujo foco, segundo Flores (2005), estava na educação e na tomada de consciência.

Moraes e Misoczky (2018) explicam que a escolha da perspectiva freireana se deve à consideração que esta apresenta fundamentos para a compreensão e processos organizacionais

a partir de uma racionalidade inerente do ser humano, isto é, de sua capacidade de ação orientada capaz de transformar a ação em si pela organização de práticas dialógicas.

Analisando o movimento em questão pela ótica freireana, as autoras observaram que a problematização de uma realidade conflitiva implicou uma nova forma de enfrentamento desta. É possível observar que as proposições de Paulo Freire que norteiam o estudo são a necessária apropriação do contexto por parte dos sujeitos pelo ato de “ad-mirar” a realidade superando a acomodação e a passividade (FREIRE, 2011a); a auto-organização como forma de aprendizagem e práxis emancipadora (FREIRE, 2011b) e a “co-laboração” como recurso de transformação social (FREIRE, 2011c).

Melhor detalhando, Freire (2011a, p. 37) explica que o ato de “ad-mirar” significa adentrar a realidade de mirá-la “de dentro e desde dentro”: “Apenas mirar a realidade é ficar na sua periferia e não passar disso. No entanto, a operação de adentramento crítico, a ‘admiração’, implica em posicionamento ativo na realidade; implica em poder optar por uma mudança”. O autor destaca ainda que a organização é o meio para tal feito que tem início na auto-organização.

A auto-organização é consolidada nesse processo como a própria construção do sujeito onde este começa a refletir sobre sua situacionalidade e sobre os fatos em suas correlações causais e circunstanciais e agir sobre estes na medida que por eles desafiado. (FREIRE, 2011b).

Em outras obras (FREIRE, 2011c, 2011d), o autor retoma este ponto complementando que a auto-organização, envolvendo a autoconstrução e a autoconscientização, incita a percepção de que a realidade não é inacabadamente dada, é possível ser transformada. Esse processo de aprendizagem, promovido através da constante reflexão, da ação e da reflexão sobre a ação constitui a práxis emancipadora. A partir daí, emerge a organização dialógica entre indivíduos que “co-laboram” em corresponsabilidade com e em torno de um objetivo.

Assim, o trabalho de Moraes e Misoczky (2018) elabora a concepção que, ao passo que o ser humano transpõe a mera adequação ao contexto de prescrições que minimizam suas decisões, desnuda-se sua capacidade de organização da própria luta de forma autônoma e coletiva com conseqüente possibilidade de mudança e construção social; o que é definido por Paulo Freire (1980, p. 19) como vocação ontológica, a “vocação de ser sujeito” em sua história.

4.2 Carmo, Gomes Junior, Gomes e Assis (2018): Paulo Freire, ergologia e os discursos do empreendedorismo

No segundo artigo analisado, Carmo *et al.* (2018) propõem uma reflexão sobre a aproximação dos discursos do empreendedorismo com a concepção de educação bancária desenvolvida por Paulo Freire.

Os autores ponderam que o empreendedorismo fundamenta suas preleções na lógica neoliberal: os propósitos mercantis de produtividade e rentabilidade desconsideram as variáveis individuais e as distintas — por vezes, desiguais — condições e oportunidades de cada pessoa e dos contextos aos quais cada uma está atrelada.

Carmo *et al.* (2018) entendem que o estímulo ao empreendedorismo consiste numa ideologia disseminadora de imperativos meritocráticos que culminam na competitividade e no individualismo. Nessa perspectiva, sucesso ou fracasso são meros resultados do desempenho e do esforço individual de cada empreendedor. Assim, se instauram “formas opressivas do comportamento que devem ser interiorizadas como regras de conduta, mas que, no entanto, em última análise, visam apenas alcançar os objetivos do capital” (CARMO *et al.*, 2018, p. 53).

Com a ação humana regida pelos valores de mercado, esta se torna, na argumentação dos autores, desconectadas de fins voltados para o bem comum e coletivo; orientada por um “discurso que concebe os seres humanos como peças ajustáveis, seres sem questionamento, sem escolha, sem voz, como diria Paulo Freire. (CARMO *et al.*, 2018, p. 53).

O caráter bancário da ação educativa observada por Paulo Freire (2011c) coloca os educadores em uma posição de detentores de pacotes de saberes unificados a serem depositados nos educandos que, como um recipiente vazio, apenas recebem passivamente os conteúdos.

Assim, como Carmo *et al.* (2018) observam, do mesmo modo que se dá na promoção do empreendedorismo, na educação bancária um discurso hegemônico transita pelo meio pedagógico revestido de intencionalidades unificadoras e universais, mas que, em essência, estabelece relações de subalternidade em narrativas alienantes e desumanizadoras como também pontuam Gouvêa da Silva (2004) e Lima e Pernambuco (2018) fazendo alusão à visão de Paulo Freire.

A crítica de Carmo *et al.* (2018) direcionada pelo posicionamento de Freire aponta que discursos prescritivos tomam um sentido alienador na medida em que impõem uma opção de consciência à outra ao considerar que saber, criação e produção só existem plena e

concretamente na “busca inquieta, impaciente e permanente, que os homens fazem no mundo com o mundo e com os outros” (FREIRE, 2011c, p. 33).

4.3 Andrade, Alcântara e Pereira (2019): Comunicação que constitui e transforma os sujeitos: agir comunicativo em Jürgen Habermas, ação dialógica em Paulo Freire e os estudos organizacionais

Outra produção elencada para análise foi a de Andrade, Alcântara e Pereira (2019) que buscam em Paulo Freire contribuições para “a formação de sujeitos crítico-reflexivos e suas implicações nos processos de ensino/pesquisa/extensão no campo dos Estudos Organizacionais” (ANDRADE; ALCÂNTARA; PEREIRA, 2019, p. 12) como campo disciplinar na universidade. Os autores consideram que a obra de Freire é um referencial “para pensar práticas de gestão democráticas e dialógicas” (ANDRADE; ALCÂNTARA; PEREIRA, 2019, p. 14), o que vai de encontro aos tratados de teorias administrativas que, segundo os mesmos, conferem um caráter instrumental, controlador e burocrático às organizações.

Andrade, Alcântara e Pereira (2019) acreditam que Paulo Freire “apresenta bases para a reconstrução de possibilidades inéditas viáveis” (p. 20) fazendo alusão ao sintagma inédito-viável utilizado por ele na obra “Pedagogia do Oprimido” (2011c) para expressar, segundo Araújo Freire (2008, p. 231), “com enorme carga afetiva, cognitiva, política, epistemológica, ética e ontológica, os projetos e os atos da possibilidade humana”.

Não estendendo o debate para os sentidos imbuídos nesta expressão, o artigo em questão abre precedentes para a discussão de locuções interrelacionadas cunhadas e consolidadas por Paulo Freire.

O inédito-viável se nutre da existência humana concreta em um cenário jamais definitivo e depende, a priori, de conscientização e posicionamento perante a realidade (FREIRE, 2011c). O inédito-viável parte da percepção de situações-limite como “obstáculos a serem rompidos, (...) a margem real onde começam todas as possibilidades de ação” (ARAÚJO FREIRE, 2008, p. 232). Envolve a compreensão de que “o mundo não é; o mundo está sendo” (FREIRE, 2011d, p.30).

Essa existência consciente abarca a experiência da denúncia-anúncio (FREIRE, 1980), “fruto da comunidade dialógica dos oprimidos com consciência crítica em dialética colaboração com sujeitos em posição interdisciplinar” (MISOCZKY; MORAES; FLORES, 2009, p. 462).

Freire (1980) explica tratar-se de uma unidade inquebrantável não restrita apenas a falas e ideias, mas que exige ação e, posteriormente, melhor explica:

Se a palavra que denuncia-anuncia resulta da dicotomia, é mero engodo. Se sacrificada a dimensão da ação, então, é verbalismo alienado e alienante, é palavra oca da qual não se pode esperar a denúncia do mundo, pois não há denúncia sem compromisso de transformação, nem este sem ação. Se, pelo contrário, enfatiza-se a ação em detrimento da reflexão, é puro ativismo, ação pela ação que, ao negar a reflexão, nega também o diálogo (FREIRE, 2011c, p. 89).

O diálogo, portanto, viabiliza esse movimento que se constitui em práxis: partir do vivido e do conhecido, discuti-lo e ampliá-lo em novas visões e condutas transformadoras (FÁVERO, 2011).

Assim, sobre os pilares freireanos que aqui foram ampliados para melhor entendimento, Andrade, Alcântara e Pereira (2019) propõem a superação de paradigmas tradicionais de ensino e prática de gestão que se valem de uma racionalidade instrumental e antidialógica em prol de uma ação comunicativa com indivíduos e suas experiências.

4.4 Moraes (2019): Responsabilidade social corporativa: reflexões sob a égide do pensamento de Paulo Freire

No último e mais recente artigo da amostra, Moraes (2019) discute a faceta dominante da responsabilidade social corporativa (RSC) à égide do que Paulo Freire descreve como racionalidade substantiva.

Importante apontar, inicialmente, que o conceito de RSC proposto pelo Banco Mundial (World Bank, 2020) versa sobre o comprometimento empresarial em contribuir para a melhoria da qualidade de vida dos seus colaboradores, de suas famílias, da comunidade local e da sociedade por meio de iniciativas que sejam benéficas tanto para tal desenvolvimento quanto para a organização.

Revedo o posicionamento de alguns autores (DELL'ATTI *et al.*, 2017; BHARDWAJ *et al.*, 2018; FERRELL *et al.*, 2019), Moraes (2019) arrazoia que a vinculação de empresas com causas sociais pode ter intentos de promover a imagem da marca e, conseqüentemente, gerar vantagem competitiva e, em seu ensaio, reflete sobre o impacto que isto pode gerar sobre pessoas à luz da racionalidade substantiva delineada por Paulo Freire.

A racionalidade substantiva, explica Freire (2011c), não se baseia na solução de problemas pontuais priorizando puramente relações meios-fins; mas nas relações passadas,

presentes ou nos valores potencialmente emergentes tais como, segundo Kalberg (1980), lealdade, solidariedade, assistência mútua, justiça, igualdade, liberdade. “Tratam-se, portanto, de valores abstratos que ultrapassam qualquer indivíduo e sociedade, e que podem ser considerados para o todo” (MORAES, 2019, p. 101). Complementando, Freire (2011c) aponta que a ação racional é portadora de consciência de sua intencionalidade: indiferente aos resultados, tem um alvo transcendente: a liberdade humana.

Desse contexto, Moraes (2019) depreende que, se a RSC for desempenhada como estratégia de capital que dicotomiza pessoas em dois grupos distintos onde uns são sujeitos da ação socialmente responsável e outros são objetos que apenas recebem esta ação, assumirá uma postura assistencialista com a possível consequência de imobilização do ser humano.

Aproximando-se da temática em questão, em “Educação como prática da liberdade” Freire (2011b) exemplifica a materialização da prática assistencial. Nesse processo classes dominantes utilizam o argumento da representatividade para manter o poder e evitar distorções. Compreendem a ameaça contida na possibilidade da tomada de consciência por parte das massas. Criam mecanismos de falsa generosidade para mascarar a permanência das desigualdades quando a verdadeira generosidade seria lutar pelo desaparecimento dos processos diferenciadores. Práticas assistenciais se alongam em assistencialistas fazendo de quem recebe a assistência um objeto passivo e assim roubam dos seres humanos sua condição de responsabilidade pela construção social. O autor avalia, assim, que o assistencialismo não incentiva a decisão, a participação, a recuperação da identidade e da autonomia, mas concretiza a submissão quando o que importaria seria ajudar o homem a ajudar-se, fazendo-o agente da recuperação do seu papel no espaço e no tempo.

Conduzindo seu raciocínio pelas lentes de Paulo Freire (2000, 2005, 2006, 2011c), Moraes (2019) realça que RSC atrelada a alavancagem comercial conduz à perpetuação da ordem social de tratamentos e oportunidades desiguais e implementações paliativas. Por conseguinte, na efetiva RSC, os sujeitos devem atuar como coautores de qualquer ação que diga respeito às suas vidas (FREIRE, 2011c).

Assim posto, Moraes (2019) entende que, num posicionamento de base freireano, a responsabilidade social corporativa deve questionar a condição histórica do ser humano, o sistema de produção, os subterfúgios das estruturas dominantes e as formas de distribuição material para delinear iniciativas que, através de uma mudança estrutural, ofereçam aos sujeitos condições de transformar objetiva e racionalmente sua realidade.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo em questão retomou alguns pontos de convergência entre a obra de Paulo Freire e o pensamento decolonial extrapolando a dimensão pedagógica das proposições do autor para o campo das ciências sociais, porém com ênfase nos estudos de gestão conforme a pesquisa realizada.

Alçando tais aproximações teóricas, o trabalho contribui para o embasamento do exercício de percepção do quão permeado por estruturas e narrativas dominantes pode estar o processo intelectual e critérios de julgamentos individuais e para o fomento de discussões acerca de práticas historicizantes.

A ampliação da consciência crítica transformadora abre veredas para o desmonte de metodologias padronizadas e formas de conhecimento legitimadas por lógicas política e institucionalmente universalizadas mas que, na realidade, estão impregnadas de lacunas que relegam alteridades à desumanização.

Tanto o pensamento freireano quanto o decolonial conferem espaço a grupos e mundos que tiveram negada sua essência e existência real, promovendo a emergência de realidades imediatas, bagagens, tendências, latências, possibilidades e potencialidades de sujeitos produtores de um conhecimento insubmisso.

Ambas perspectivas epistemológicas imbricam-se na denúncia das facetas da opressão e subalternidade e no anúncio de narrativas identitárias, de recuperação de histórias locais e transposição de suas contradições num processo de promoção de emancipação social e justiça cognitiva. O diálogo é um viabilizador não só de tais práticas, mas da ciência pautada em um pensar em constante movimento.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L. F. S.; ALCÂNTARA, V. de C.; PEREIRA, J. R. Comunicação que constitui e transforma os sujeitos: agir comunicativo em Jürgen Habermas, ação dialógica em Paulo Freire e os estudos organizacionais. **Cadernos EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 17, n. 1, p. 12-24, jan./mar. 2019. Disponível em <https://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/cadernos_ebape/article/view/64054>.

ARAÚJO FREIRE. Inédito viável. In: STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Ed.). **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, p.231-234, 2008.

BALLESTRIN, L. M. A. Modernidade/Colonialidade sem “Imperialidade”? O Elo Perdido do Giro Decolonial. **DADOS – Revista de Ciências Sociais**, Rio de Janeiro, v. 60, n. 2, p.

505-540, 2017. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/dados/a/QmHJT46MsdGhdVDdYPtGrWN/abstract/?lang=pt>>.

BÉHAR, A. H.; FERREIRA, L. F. V. de M. O que a perspectiva de Paulo Freire sobre processos educacionais tem a contribuir para as organizações que aprendem? **Revista de Administração da Unime**, Bahia, v. 8, p. 45-53, 2014. Disponível em <https://www.researchgate.net/profile/Alexandre-Behar/publication/279058816_O_que_a_perspectiva_de_Paulo_Freire_sobre_processos_educacionais_tem_a_contribuir_para_as_organizacoes_que_aprendem/links/5589302208ae5b21e3f32a56/O-que-a-perspectiva-de-Paulo-Freire-sobre-processos-educacionais-tem-a-contribuir-para-as-organizacoes-que-aprendem.pdf>

BEISIEGEL, C. R. **Política e educação popular**: a teoria e a prática de Paulo Freire no Brasil. Brasília: Líber Livros, 2008.

BELLO, E. O pensamento descolonial e o modelo de cidadania do novo constitucionalismo latino americano. **Revista de Estudos Constitucionais, Hermenêutica e Teoria do Direito**, São Leopoldo, v. 7, n. 1, p. 50-61, 2015. Disponível em <<http://www.revistas.unisinos.br/index.php/RECHTD/article/view/rechtd.2015.71.05>>.

BHARDWAJ, P. *et al.* When and how is corporate social responsibility profitable? **Journal of Business Research**, v. 84, p. 206-219, 2018. Disponível em <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0148296317304733>>.

CARMO, L. J. O.; GOMES JUNIOR, A. B.; GOMES, P. A.; ASSIS, L. B. de. Paulo Freire, ergologia e os discursos do empreendedorismo. **RPCA – Revista Pensamento Contemporâneo em Educação**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 51-64, jul./set. 2018. Disponível em <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/4417/441760642005/441760642005.pdf>>.

COSTA, B. B. P. F: educador-pensador da libertação. **Pro-Posições**, Campinas, v. 27, n. 1, p. 93-110, jan./abr. 2016. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/pp/a/pdZz6q8xSKKLV5GPMrKqgZb/?lang=pt>>.

DELAMATA, G. **Los barrios desbordados**: las organizacionaes de desocupados del Gran Buenos Aires. Buenos Aires: Eudeba, 2004.

DELL'ATTI, S.; TROTTA, A.; IANNUZZI, A. P.; DEMARIA, F. Corporate social responsibility engagement as a determinant of bank reputation: an empirical analysis. **Corporate Social Responsibility and Environmental Management**, v. 24, n. 6, p. 589-605, 2017. Disponível em <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/full/10.1002/csr.1430>>.

DIAS, A. C.; ALVES, S. M. S.; AMARAL, L. D. P do. A contribuição do pensamento decolonial na afirmação da cidadania. **Revista Humanidades e Inovação**, Palmas, v. 6, n. 7, p. 110-118, 2019. Disponível em <<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/1311>>.

FÁVERO, O. P. F: importância e atualidade de sua obra. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v. 7 n. 3, Edição Especial de Aniversário de Paulo Freire, dez. 2011. Disponível em <<https://revistas.pucsp.br/curriculum/article/view/7589>>.

FERRELL, O. C.; HARRISON, D.; FERRELL, L.; HAIR, J. Business ethics, corporate social responsibility, and brand attitudes: an exploratory study. **Journal of Business Research**, v. 95, p. 491- 501, 2019. Disponível em <<https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S0148296318303588>>.

FINK, A. **Conducting research literature reviews: From the Internet to paper**. 2 ed. Thousand Oaks: Sage, 2005.

FLORES, T. **De la culpa a la autogestión: un recorrido del Movimiento de Trabajadores Desocupados de La Matanza**. Buenos Aires: Ediciones Continente, 2005.

FREIRE, P. **Ação Cultural para a liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011a.

_____. **Educação e Mudança**. 29 ed. Paz e Terra, 2006.

_____. **Educação como prática de liberdade**. 40. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011b.

_____. **Pedagogia da indignação**. Cartas pedagógicas e outros escritos. 5 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2014.

_____. **Pedagogia do Oprimido**. 62 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011c.

_____. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. 43 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011d.

_____. **Conscientização: teoria e prática da libertação** – uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 4. ed. São Paulo: Moraes, 1980.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Atlas, 2010.

GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista Brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, p. 333-361, 2011. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/vXJKXcs7cybL3YNbDCkCRVp/abstract/?lang=pt>>.

GOUVÊA DA SILVA, A. F. **A construção do currículo na perspectiva popular crítica: das falas significativas às práticas contextualizadas**. 2004. 375f. Tese (Doutorado em Educação: currículo) — Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2004. Disponível em <<https://tede2.pucsp.br/handle/handle/22098>>.

KALBERG, S. Max Weber's types of rationality: cornerstones for the analysis of rationalization process in history. **American Journal of Sociology**, v. 85, n. 5, p. 1145-1179, 1980. Disponível em <<https://www.taylorfrancis.com/chapters/edit/10.4324/9781315249452-9/max-weber-types-rationality-cornerstones-analysis-rationalization-processes-history>>.

LIMA, J. G. S. A. **Paulo Freire e a Pedagogia do Oprimido: afinidades pós-coloniais**. 2011. 136f. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional; Cultura e Representações) — Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2011. Disponível em <<https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/13633>>

LIMA, J. G. S. A.; PERNAMBUCO, M. M. C. A. Horizontes pós-coloniais da Pedagogia do Oprimido e suas contribuições para os estudos curriculares. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, v. 23, p. 1-24, 2018. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/NzNSCGRLHjflDByrL3F7mKt/abstract/?lang=pt>>.

MIGLIEVICH-RIBEIRO, A. Por uma razão decolonial. Desafios ético-político-epistemológicos à cosmovisão moderna. **CIVITAS – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 14, n. 1, p. 66-80, jan.-abr. 2014. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/civitas/a/LhdvrTHy73MP8sxQQqK4QDR/abstract/?lang=pt>>.

MIGNOLO, W. **Desobediência epistêmica**: retórica de la modernidad, lógica de la colonialidad y gramática de la descolonialidad. Argentina: Ediciones del signo, 2010.

MIGNOLO, W. Os esplendores e as misérias da “ciência”: colonialidade, geopolítica do conhecimento e pluri-versalidade epistêmica. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). **Conhecimento prudente para uma vida decente**. “Um discurso sobre as Ciências” revisitado. São Paulo: Cortez, p. 667-709, 2004.

MISOCZKY, M. C. A.; MORAES, J.; FLORES, R. K. Bloch, Gramsci e Paulo Freire: referências fundamentais para os atos da denúncia e do anúncio. **Cadernos EBAPE**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 3, artigo 4, p. 447-471, set. 2009. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/cebape/a/9yyZXGvDhhzLdDZZVDjGNRG/abstract/?lang=pt>>.

MORAES, J. Responsabilidade social corporativa: reflexões sob a égide do pensamento de Paulo Freire. **RGSA – Revista de Gestão Social e Ambiental**, São Paulo, v. 13, n. 3, p. 98-115, set./dez. 2019. Disponível em <<https://pdfs.semanticscholar.org/aecd/3452dea6ec701a8207278351d143c958411e.pdf>>.

MORAES, J.; MISOCZKY, M. C. A. Práticas Organizacionais do Movimento de Trabalhadores Desocupados de La Mantaza à luz do pensamento de Paulo Freire. **RPCA – Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, Rio de Janeiro, v. 12, n. 3, p. 1-15, jul./set. 2018. Disponível em <<https://www.redalyc.org/jatsRepo/4417/441760642002/441760642002.pdf>>.

MOTA NETO, J. C. **Por uma Pedagogia decolonial na América Latina**: reflexões em torno do pensamento de Paulo Freire e Orlando Fals Borda. Curitiba: CRV, 2016.

NOGUERA, R. **O ensino de filosofia e a lei 10.639**. Rio de Janeiro: Pallas: Biblioteca Nacional, 2014.

OKOLI, C. **Guia para realizar uma revisão sistemática da literatura**. Tradução de David Wesley Amado Duarte; Revisão técnica e introdução de João Mattar. *EaD em Foco*, v. 9, n. 1, e748, 2019. Disponível em <<https://eademfoco.cecierj.edu.br/index.php/Revista/article/view/748>>.

OLIVEIRA, L. F. de. **O que é uma Educação Decolonial?** 2019. pdf. Disponível em: <https://www.academia.edu/23089659/O_QUE_%C3%89_UMA_EDUCA%C3%87%C3%83O_DECOLONIAL>. Acesso: 14/06/2020.

PENNA, C. Paulo Freire no pensamento decolonial: um olhar pedagógico sobre a teoria pós-colonial latino-americana. **Revista de Estudos & Pesquisas sobre a América**, Brasília, v. 8, n. 2, p. 181-199, 2014. Disponível em <<https://www.scilit.net/article/eeeebb2103d8bc9249fed4f0cce19acb>>.

PINTO, R. S.; MIGNOLO, W. D. A modernidade é de fato universal? Reemergência, desocidentalização e opção decolonial. **CIVITAS – Revista de Ciências Sociais**, Porto Alegre, v. 15, n. 3, p. 381-402, 2015. Disponível em <<https://www.scielo.br/j/civitas/a/qqRR8D8df5RKQN9bLmQjFmn/?lang=pt&format=html>>.

QUIJANO, A. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina**. Buenos Aires: ed. CLACSO, 2005. pdf. Disponível em: http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/clacso/sursur/20100624103322/12_Quijano.pdf.

REIS, M. de N.; ANDRADE, M. F. F. O pensamento decolonial: análise, desafios e perspectivas. **Revista Espaço Acadêmico**, n. 202, p. 1-11, 2018. Disponível em <<https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/EspacoAcademico/article/view/41070>>.

ROUSSEAU, D. M.; MANNING, J.; DENYER, D. **Evidence in management and organizational science: Assembling the field's full weight of scientific knowledge through syntheses**. SSRN eLibrary, 2008.

SANTOS, B. S. **A gramática do tempo: para uma nova cultura política**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008. (Coleção para um Novo Senso Comum. v. 4).

SANTOS, C. C. Educação, estudos pós coloniais e decolonialidade: Diálogos com a Lei 11.645/08. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Relações Étnicas e Contemporaneidade**, Jequié, v. 3, n. 5, jan./jun. 2018. Disponível em <<https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=7883105>>

SPIVAK, G. C. **Pode o subalterno falar?** Tradução de Sandra Regina Goulart Almeida, Marcos Pereira Feitosa e André Pereira Feitosa. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2010.

WALSH, C. **Pedagogías Decoloniales**. Práticas Insurgentes de resistir, (re)existir e (re)vivir. Serie Pensamiento Decolonial. Editora Abya-Yala. Equador, 2017.

WORLD BANK. The World Bank. **Corporate Responsibility**. Disponível em <<https://www.worldbank.org/en/about/what-we-do/crinfo>>. Acesso em julho de 2020.

Como Referenciar este Artigo, conforme ABNT:

COELHO, R. C. R; GOMES, J. S. Inserções de Paulo Freire em Estudos de Gestão em uma Perspectiva Decolonial. **Rev. FSA**, Teresina, v.19, n. 4, art. 1, p. 3-23, abr. 2021.

Contribuição dos Autores	R. C. R. Coelho	J. S. Gomes
1) concepção e planejamento.	X	
2) análise e interpretação dos dados.	X	X
3) elaboração do rascunho ou na revisão crítica do conteúdo.	X	
4) participação na aprovação da versão final do manuscrito.	X	X